



O VERÃO DE 2012

Paulo Varela Gomes  
o Verão de  
2012

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIII

© 2013, Paulo Varela Gomes  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *O Verão de 2012*  
Autor: Paulo Varela Gomes  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Janeiro de 2013

ISBN 978-989-671-143-6  
Depósito Legal n.º 352902/12

A tragédia do Largo do Rato conduziu a que muitos jornalistas e outras pessoas tenham insistido comigo para os ajudar a compreender aquilo que se passou. Profissionalmente não devo — e pessoalmente não quero — trazer a público elementos do meu trabalho que possam permitir mais especulação acerca do comportamento, da personalidade e das motivações do meu paciente. O Verão de 2012 foi terrível para ele. Aquilo que o atormentava estava, receio bem, muito para além dos meus fracos poderes, dos diálogos que oriento ou acompanho, dos remédios que prescrevo. Dividido como estava entre a vontade de ver claro em si e a tendência neurótica para perceber em tudo uma conjugação maléfica de factores independentes da sua vontade, o meu paciente não conseguiu integrar ou dar conta do sofrimento. Tomei muitas notas daquilo que ele me disse, do que não me disse mas adivinhei, recebi dele fragmentos de um texto, talvez uma espécie de romance, que estava a escrever e nunca terminou, palavras que acredito terem tido relação directa ou indirecta com o seu mal e com aquilo que sucedeu no decorrer do Verão. Vou

utilizar aqui os textos que ele me enviou e as notas que tirei das sessões realizadas com ele, mas sem me ocupar de aspectos terapêuticos, porque o seu mapa psíquico e os meus procedimentos para navegar nesse mapa e para o ajudar a fazer o mesmo apenas podem interessar aos meus colegas, e não é a eles que este livro se dirige.

A narrativa do meu paciente, que doravante designarei por P., centrou-se frequentemente naquilo a que chamou coincidências maléficas, que constituíram como que os nódulos da sua crescente depressão e dos episódios obsessivos que a acompanharam. É exemplar a este respeito um texto que me enviou no dia 22 de Agosto.

Na manhã do dia anterior, tirou de uma das suas estantes o *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, na edição de 2009 da Biblioteca Nacional de Portugal, um livro que, durante o Verão, lhe serviu de guia para muitas das coisas que escreveu, levou-o para a sala, sentou-se num sofá em frente da janela, abriu-o ao acaso, segundo me garantiu, e leu as entradas escritas nos dias 20 e 21 de Agosto do ano de 1787, quando Beckford estava na casa do Ramalhão, em Sintra, que P. conhecia apenas exteriormente, porque passara por lá algumas vezes e vira gravuras e fotografias antigas, mas onde nunca entrara, fosse na casa, fosse na capela, excepto através da descrição de uma amiga, de família sintrense, que estivera no colégio interno para raparigas instalado na quinta em 1942 por freiras dominicanas.

Segundo Beckford, fazia mau tempo em Sintra em Agosto de 1787, como aliás em toda a região de Lisboa,

e o clima era um assunto a que P. dedicava uma atenção excessiva, interessando-se muito pelas observações de autores antigos a esse respeito e pelo exame, quase sempre angustiado, das previsões meteorológicas, da temperatura, do vento, das nuvens e do céu. Mau tempo, escreveu, era para Beckford, como para todos os comentadores citadinos das épocas moderna e contemporânea, o clima impróprio para aristocratas desocupados ou, mais tarde, para burgueses veraneantes, e não o mau tempo de agricultores e gente da pesca, não o mau tempo de quem trabalha, ainda que a descrição de Beckford — «um tempo invernosso no pino do Verão», um «tempo ventoso e desagradável» — suscitasse possivelmente a unanimidade de dominantes e dominados, exploradores e explorados, palavras escolhidas por P., que há uns anos, desde que a crise do capitalismo ocidental tivera início, gostava de referir o marxismo que aprendera na juventude e do qual em boa medida se havia esquecido nas duas últimas décadas, tanto por convicção como por conveniência.

Beckford estava tão mais desagradado com o clima quanto acreditava piamente, como todos os viajantes estrangeiros e quase todos os portugueses, certamente por causa da opinião daqueles, que Portugal tem um «clima temperado», uma expressão de significado apenas relativo, temperado em relação à Inglaterra, péssimo se comparado com a costa marroquina ou o planalto de Angola, temperado na época da vindima, em geral mau por alturas do plantio de Inverno. Para enganar

o facto de não querer sair da casa com aquele tempo, Beckford ouvia Haydn tocado em cravo por Gregório Felipe Franchi, um músico italiano da Patriarcal de Lisboa com quem mantinha uma relação de amizade e possivelmente também de carácter sexual. Adágios, escreveu P., tão melancólicos como o clima, talvez parte de um dos concertos para cordas escritos por Haydn entre 1756 e 1779. Mas qual concerto e que adágios?, perguntava, aborrecido por Beckford não ser exacto nas muitas informações que dava sobre os hábitos e gostos do seu tempo, que são os aspectos que ilustram melhor as diferenças e semelhanças entre o passado e o presente.

Além de ouvir música, Beckford e Franchi passearam pelos jardins do Ramalhão, onde colheram flores, e, com François Verdeil, o médico francês de Beckford, receberam amigos para o chá e a ceia, pessoas que também estavam em Sintra para fugir ao Verão lisboeta. Recolhidos em casa, já com os candeeiros e os lustres acesos, ouviram música e folhearam um álbum de gravuras feitas a partir dos desenhos do pintor e ilustrador inglês William Hogarth, em dois volumes, alvitando P. que talvez se tratasse do conhecido catálogo de John Trusler que contém as gravuras das séries de Hogarth, *A Ascensão de Um Devasso*, *A Eleição*, *Casamento à Moda*, *Trabalho e Preguiça*.

Hogarth estava longe de ser um dos artistas favoritos de P., a quem as suas obras interessavam apenas porque as considerava argumentos visuais interessantes da campanha lançada pela burguesia para fazer triunfar

a sua ideologia da moral pública e privada contra o agnosticismo moral da aristocracia. Hogarth põe em causa os indivíduos que exploram a riqueza «honestamente adquirida», como é uso dizer-se, um tipo de riqueza que não existe excepto na ideologia do capitalismo, afirmava P., e compara aquelas que considera serem as virtudes do trabalho com a suposta vergonha da indolência, o que não é senão uma denúncia dos aristocratas, por um lado, e dos pobres, por outro, e um elogio das virtudes dos burgueses, e dos pobres que querem ser burgueses. A ética do trabalho e o elogio da riqueza assente na propriedade privada, na produção ou no comércio foram os princípios mais importantes da concepção burguesa das coisas, e Hogarth sustentou-os com absoluta boa consciência, como competia ao porta-voz de uma classe em ascensão convencida de que transportava consigo toda a bondade do mundo.

Creio que, ao escrever estas coisas, P. não se dava conta de que ele próprio fizera do elogio do trabalho e da honestidade no trabalho um dos argumentos explícitos da sua carreira e um dos aspectos principais da sua personalidade pública, e que intervieria muitas vezes contra outras pessoas, munido da autocomplacência de quem se julga moral e socialmente superior, como se as virtudes que designava por burguesas lhe servissem a ele para revestir com uma armadura moral um estatuto próprio que imaginava estar próximo da aristocracia. Não se dava conta, afinal, de que fazia o mesmo que Beckford e muitos dos aristocratas liberais do

século XVIII, que queriam manter os privilégios, manter o nome, manter o estatuto, certamente, mas de um modo que lhes parecia não conformista, escolhendo para tal a moralidade burguesa, afinal de contas a mais progressista da época, como maneira de se distinguirem da moral da sua própria classe.

Este verdadeiro travestimento social apareceu sem que P. tivesse aparentemente dado por isso na pergunta que formulou a seguir: como é possível que um homem como Beckford, um aristocrata de gosto refinado, apreciase o realismo barroco que Hogarth punha ao serviço da crítica social mais pedestre, a ponto de ter adquirido os seus dois volumes de gravuras? Trata-se de uma falsa aporia, e creio que P. poderia desfazê-la facilmente se tivesse recordado aquilo que aprendeu sobre a sociedade inglesa do século XVIII, quando se assistiu à divisão da aristocracia entre o conservadorismo dos *tories* e o progressismo dos *whigs*, os tais que, como Beckford, apareciam enquanto paladinos de uma classe que não era a sua e preparavam, desse modo, a sua sobrevivência não enquanto classe mas enquanto trânsfugas de classe. P. não pensou nesta perspectiva ou em qualquer outra relacionada com questões sociais, evidentemente porque tais questões lhe diziam directamente respeito e denunciavam as suas próprias contradições.

Depois da música e das gravuras, Beckford concluiu o seu dia 20 de Agosto pondo-se a correr e a dançar ao longo das galerias do Ramalhão, a saltar ao pé-coxinho e a fazer outras brincadeiras de criança, ele,

um homem de vinte e sete anos de idade. Esta e outras cenas do mesmo género, que surgem ao longo do diário, não pareciam causar espanto a ninguém mas, segundo P., seriam hoje imediatamente interpretadas como características de um comportamento homossexual de tipo amaneirado, tornando-se motivo de chacota, ou mais provavelmente de uma piedade benévola. Na entrada respeitante ao dia seguinte, terça-feira, 21 de Agosto, o diário relata outro episódio deste tipo envolvendo Beckford, algumas crianças não identificadas e o jovem Marialva, D. Pedro, que viria a ser o sexto e último Marquês, um adolescente que Beckford achava gracioso: «D. Pedro, as crianças e eu cabriolámos», escreveu ele, e P. imaginava um homem efeminado e infantil, às corridinhas pelas salas e corredores, parando de vez em quando para cantar, soltar suspiros e exclamar frases, dando-se conta de que aquilo que imaginava era muito influenciado por algumas personagens de filmes como *Barry Lyndon*, *Amadeus* ou *Vatel*.

A tarde foi passada em casa de Thomas Horne, um homem de negócios inglês que, com a irmã do seu associado, um outro negociante de apelido Sill, aparecem frequentemente nas páginas do diário. Horne & Sill eram banqueiros de Beckford, mas eram sobretudo, informou em nota o editor do diário, exportadores de óleo de baleia, provavelmente provindo dos Açores, nessa época em que se iniciava a fase mais mortífera do massacre das baleias pelos pescadores europeus e norte-americanos em todos os oceanos da terra, cujos únicos

resultados assinaláveis foram a quase extinção das baleias e a obra-prima de Herman Melville, *Moby Dick*, um livro publicado em 1851 que, escreveu P., retomando uma das suas *boutades* favoritas, deixou completamente indiferente a grande maioria dos seres vivos, em particular as baleias, os outros bichos e as plantas, sempre alheios às chamadas obras de arte com que os humanos acham sinceramente distinguir-se dos outros habitantes do planeta.

Ao recordar a biografia de Beckford, P. pensou na Jamaica, isto é, na sua própria experiência de um clima extremo, o das monções tropicais, com o qual se dera muito mal fisicamente e psicologicamente. A humidade constante, o calor que começava logo de madrugada e só esmorecia quando já era quase madrugada outra vez, a sonolência e uma espécie de enjoo permanente causados por estas condições atmosféricas tornaram-lhe muito mais difícil libertar-se da depressão que o acometeu ao fim do primeiro ano naquelas paragens. Ora, Beckford ficou em Portugal em 1787 precisamente porque não quis seguir para as suas propriedades na Jamaica, onde sabia ir detestar o facto de quase não haver estações do ano, mas apenas irrupções brutais de desordem climatérica, como tornados e furacões, e uma humidade muito alta e constante que origina o desagradável banho de vapor em que vivem mergulhadas todas as pessoas, a pele permanentemente húmida porque o suor não se evapora, sofrendo mais quem menos habituado está a condições desse tipo.

A riqueza dos Beckford, muito considerável, bem como a de outros ingleses poderosos da Jamaica, baseava-se nas plantações de cana-de-açúcar e cacau, trabalhadas por multidões de escravos africanos, que foram uma das alavancas da ascensão da Inglaterra ao lugar de mais importante potência mundial nos séculos XVIII e XIX. William Beckford, filho, nasceu em 29 de Setembro de 1760 na casa londrina da família e chegou a Portugal em 1787, impedido de viver em Inglaterra por causa de um escândalo sexual provocado em 1784 pela notícia de um caso ocorrido entre ele e um jovem aristocrata. Quando interrompeu em Lisboa a sua viagem para a Jamaica, Beckford já era famoso muito para além do escândalo, enquanto coleccionador, patrono das artes e romancista.

Beckford nunca foi portanto às Caraíbas, ao contrário de P., que, desde a estadia na Jamaica, por essa e outras razões mais ligadas à história de Portugal, se interessara pela vida do inglês e chegara a procurar na ilha os vestígios das propriedades ou casas da família Beckford, passando sem interesse por um velho moinho de água numa propriedade chamada Drex Hall, que William Beckford sénior herdara em 1722, um lugar cheio de sombra e teias de aranha, procurando sem sucesso tanto a casa dos Beckford em Spanish Town como a propriedade maior, conhecida como *Roaring River*, da qual tinha uma bela gravura de Thomas Vivaro a partir de uma ilustração de George Robertson, que lhe lembrava as pinturas feitas no Brasil pelo holandês

Frans Post, até porque todas mostravam edifícios com as mesmas funções ligadas à economia escravista açucareira. Na gravura de Vivaro, que P. observou em pormenor, via-se, como nas de Post, a casa senhorial no centro da composição, edifício de planta rectangular com um único grande telhado de quatro águas, cujas abas eram suportadas por pilares formando uma varanda em toda a volta da casa, um género de construção a que os ingleses mais tarde chamaram *bungalow*, e viam-se também os alojamentos dos escravos e a casa do engenho, com as chaminés fumegantes das caldeiras, localizada num pequeno vale para aproveitar a energia de um curso de água. O conjunto aparece no meio de uma paisagem idílica, com montes ao fundo, vegetação tropical e grupos de africanos desenhados como se fossem turistas curiosos em passeio.

Uma das razões que levaram P. a aceitar uma oferta de trabalho na Jamaica foi um conjunto de memórias que guardara da infância e do começo da adolescência, relacionadas com a biblioteca pública onde aprendera o que são livros e para que servem.

P. recordava nitidamente, quase alucinatoriamente, o piar de pássaros nas árvores matinais do parque onde se situava a biblioteca, o bater das badaladas de um relógio no silêncio das salas, as tábuas do soalho a ranger quando se aproximava das estantes onde estava a literatura dita juvenil. Estes fragmentos de uma atmosfera de recolhimento e solenidade impressionaram-no muito, talvez tanto como os muitos livros ali requisita-

dos ou lidos, entre os quais estavam as histórias de piratas das Caraíbas escritas por Emilio Salgari. Aprendeu com este autor que os piratas e corsários haviam dominado a Jamaica entre a expulsão dos espanhóis e a afirmação do domínio da coroa inglesa, em meados do século XVII, e que a ilha fora base de operações do Capitão Morgan, uma figura que existiu realmente mas que Salgari transformou num dos heróis da sua imaginação literária. A instalação dos piratas na Jamaica fora favorecida pela minoria judaica existente na ilha, que procurava defender-se assim dos espanhóis. Estes judeus designavam-se a si mesmos como portugueses talvez porque fossem descendentes dos que tinham sido forçados a abandonar Portugal com as perseguições do século XVI, e este foi mais um dos factos que interessaram P. na Jamaica, a amplitude semântica do adjectivo «português», que, ao longo dos tempos e conforme os sítios, foi aplicado a homens e mulheres de todas as raças. Ao chegar a Kingston, P. tinha na sua mente o Capitão Morgan e estes portugueses, e procurou os seus fantasmas pelas ruínas, os fortes, as igrejas antigas, as praias, as baías e falésias coroadas de coqueiros.

Depois de pousar o diário de Beckford, P. deu-se conta da coincidência de o ter aberto nas páginas respeitantes a dois dias situados exactamente 225 anos antes, para além do que 20 e 21 de Agosto de 1789 haviam caído numa segunda e numa terça-feiras, tal como os dias correspondentes de 2012. Contou-me que abriu então as portadas da janela de sacada que a sua sala deita

para nascente e ficou ali de pé, sentindo uma espécie de tontura, como se o tempo se tivesse concentrado sobre ele esmagando-lhe o coração, e experimentou com mais intensidade uma presença incómoda na garganta, até conseguir controlar a superstição, termo escolhido por ele na altura mas que, conforme concordámos mais tarde a propósito deste episódio e de muitos outros, não era exactamente apropriado, porque a superstição não está na origem da angústia. Pode ter sucedido antes o contrário, ter a superstição falhado no seu papel mais importante, que é o de servir como uma espécie de bordão a que recorremos para dominar a angústia.

Num diminuto romance ou extenso conto terminado pouco antes de ter começado aquele de que me ia enviando páginas, P. escrevera algumas linhas pacificadoras sobre o fenómeno da coincidência, colocando na boca de uma personagem a ideia de que esse fenómeno resulta da intersecção de algumas das muitíssimas trajectórias que compõem a realidade do mundo, talvez imaginável como um imenso vespeiro no qual milhões de insectos andam em todas as direcções, sempre em movimento, produzindo um terrível fragor, uns mais devagar, outros mais depressa, uma metáfora para todos os corpos e partículas materiais, dos átomos às árvores, passando pelas pedras, os seres vivos, as nuvens, as estrelas, os grãos de areia, a escrita que se alinha no ecrã, as ideias que correm na mente, os motores a funcionar, as eólicas empurradas pelo vento, as células a crescer e a decompor-se. De acordo com esta versão dos factos,

a coincidência que se verificou quando P. abriu o diário de Beckford decorreu do cruzamento entre as trajectórias da sua vida e da vida do inglês, da sucessão dos dias do calendário, dos acasos e necessidades da edição em Portugal, sendo por sua vez todos estes acontecimentos ou sucessões de acontecimentos resultado do encontro de muitas outras trajectórias, excepto, assinalou P., o calendário. A questão do tempo cronológico era outra das suas obsessões: o calendário, disse, não é uma trajectória em si, mas apenas um instrumento que permite medir regularmente a trajectória dos dias e das estações do ano. O calendário, bem como o relógio, são instrumentos de uniformização da medida de todas as trajectórias e de todo o movimento, e a tal uniformização chamamos tempo, a dimensão não física mas hermenêutica na qual o movimento acontece.

Um dos textos mais extensos que me mandou era acerca do ano de 2012 como um ano de coincidências. O facto de ter lido num dia 21 a entrada do diário de Beckford referente a outro dia 21 seria sobreponível ao prognóstico ou profecia de que o mundo acabaria ou sofreria uma transformação cósmica em 21 de Dezembro de 2012, uma ideia que circulava em vários meios esotéricos desde a década de 1970, baseada na interpretação de um incerto texto de um ainda mais incerto calendário dos maias, e amplificada por inumeráveis sítios da internet até atingir estatuto global com os efeitos especiais do filme de Roland Emmerich intitulado *2012*, os melhores que P. já vira em ecrã, cidades inteiras a serem

devoradas pela terra ou engolidas pelo oceano, cadeias montanhosas a explodir com colunas de chamas e pedras lançadas até à estratosfera. Este catastrofismo es-catológico era contraditado por uma versão *new age* da profecia segundo a qual o mundo iria antes entrar numa fase nova de harmonia e paz. Mas, no decorrer do ano de 2012, até àquele Verão, a catástrofe pareceu levar a melhor sobre o optimismo, anunciando-se nos céus e na terra, escreveu P. com ironia mas também com alarme, ou melhor, com um alarme que a ironia não conseguiu desactivar: erupções vulcânicas e tremores de terra ocorreram sucessivamente, sendo rara a semana em que não surgia nos jornais ou na televisão uma notícia a isso referente. O Verão, bem como o Inverno anterior, foi de seca extrema tanto na Europa ocidental como um pouco por todo o hemisfério norte. Na Noruega, nos Estados Unidos, no Sudeste Asiático e noutros locais, ocorreram misteriosas mortes em massa de peixes, pássaros, caranguejos, vacas e búfalos. O degelo no Ártico atingiu proporções nunca vistas e, na América do Norte, o Verão foi o mais quente desde que há registos. O sol passou todos os dias, em Julho e Agosto, por máximos de radiação, e P. viu pela primeira vez, na sua quinta e em volta dela, amoras queimadas nos pedúnculos das silvas antes mesmo de terem amadurecido, pobres tumores de cor acastanhada, encarquilhados, magros, que nunca atingiram a tumescência negra e brilhante dos Agostos de sempre, figos enegrecidos pelo sol e a falta de água, enrugados de velhice prematura, viu os corvos

e as andorinhas em desesperada busca da água, e os seus cães a perder a cabeça todas as noites com os javalis e as raposas que vinham até às vinhas na busca, inútil, de uvas sumarentas.

Como tantos outros proponentes de várias teorias que os *media* depreciam por igual como teorias da conspiração, mas que não são todas iguais nem irresponsáveis ou desinformadas, P. dizia muitas vezes que há entre o clima e a política uma conexão catastrófica evidente, e a ênfase que colocava nesta afirmação resultava tanto do facto de acreditar nisso como da vontade de que aquilo em que acreditava se realizasse. A preocupação geral com os fenómenos climatéricos, insistia, é ao mesmo tempo o reflexo, o disfarce e uma das causas da guerra surda que está em curso, a gigantesca desregulação do *statu quo* económico e social que fora implantado no Ocidente depois da Segunda Guerra Mundial por pressão do movimento operário, da existência do chamado Bloco de Leste e de uma certa maturação do capitalismo em alguns países especiais, os da Escandinávia, por exemplo. Em 2012, mais ainda que nos terríveis anos anteriores desde 2008, alastravam de maneira imparável os efeitos financeiros e sociais da chegada à maturidade daquilo que designava como o «imperialismo enquanto estado supremo do capitalismo», uma citação do título de uma pequena obra de Lenine escrita em 1916, de que usava e abusava com o propósito maior de remar contra a corrente e irritar os bem-pensantes. E prosseguia: segundo Lenine, aquilo que caracteriza o capitalismo

antigo é a exportação de mercadorias, o que caracteriza o capitalismo dos monopólios, ou dos conglomerados financeiros e industriais, é a exportação de capitais, que na altura, em 1916, estava apenas no início e hoje culmina num mundo de agentes financeiros escondidos, sem localização geográfica, sem fidelidades nacionais, sem rosto, sem controlo, um mundo de obsolescência definitiva dos estados, transformados em simples agências de outras agências.

No Verão de 2012, o desemprego, as falências, a miséria, varriam a Europa como as tempestades que agitavam o sol e queimavam a terra. Nenhuma previsão era optimista. O mundo, escreveu, afundava-se em impotência e tristeza, perceptíveis no andar curvado e bamboleante das pessoas nas ruas, nas súbitas irrupções de fúria sem causa próxima que as justificasse, na indolência e desânimo que fazia pender os olhos para o chão. Era no quadro desta atmosfera de *slow motion*, que eu próprio testemunhava nas queixas e na angústia de quase todos os meus pacientes, que o texto enviado por P. encarava o clima como uma espécie de manifestação cósmica e atmosférica do monstro escondido que estava ao leme do ano de 2012, os mercados, essa metáfora ideológica, quer dizer, enganadora, com que o imperialismo se disfarça, a nuvem diáfana que esconde a arrogância e a cobiça de Juno. Ouça, disse-me numa das cada vez mais frequentes intervenções sobre o estado do mundo que apareciam no lugar da discussão do seu estado pessoal, reflectindo-o mas recusando enfrentá-

-lo conscientemente, ouça: tanto os mercados como o clima são forças gigantescas incontroláveis pelos humanos, espectros que assombram o mundo, poderes inomináveis provindos do mundo virtual e misterioso onde o grande capital imperialista funciona longe de nós, longe das ruas, longe da comunicação social, num silêncio como o do momento mais profundo da noite, o género de silêncio que só se ouve prestando-se uma atenção quase dolorosa. Toda a gente fala do clima desde os anos de 1990 porque a ideologia dominante interdita que se fale directamente dos mercados, lançando sobre os olhos das multidões um manto de ignorância e fantasia que só os lunáticos, os desesperados e os revolucionários, designados agora como anarquistas, parecem ser capazes de rasgar.

Quando chegámos ao final do mês de Maio, à beira do Verão, teve lugar a mais revoltante das coincidências de 2012, com a qual eu próprio nunca serei capaz de ajustar contas: de repente, foi diagnosticado a P. um cancro incurável.

Quando me deu a notícia, vacilei de incredulidade, não pela informação, muito fidedigna e sustentada, mas pela mortífera coincidência entre a morte anunciada e a vontade de morrer contra a qual P. lutava há anos, e com a qual ao mesmo tempo colaborava. Disse-me a rir que, pelo menos para ele, o mundo acabaria de facto em 2012, e que, nova coincidência, este ano correspondia ao seu sexagésimo aniversário. Havia pedido aos deuses do destino, quando chegara aos

Paulo Varela Gomes, nascido em 1952, foi professor dos ensinos secundário e superior até se reformar em 2012, autor de artigos e livros da sua área de especialidade (história da arquitectura e da arte), colaborador e cronista permanente de vários jornais e revistas, designadamente o *Público*. É casado, pai de dois filhos e avô de uma neta e de um neto.

## oVerão de 2012

foi composto em caracteres Hoefler Text e impresso pela Guide, Artes Gráficas, sobre papel Coral Book de 90 gramas, em Janeiro de 2013.

NESTA COLECÇÃO

*De Mim já nem Se Lembra*  
Luiz Ruffato

*Quando o Diabo Reza*  
Mário de Carvalho

*Dezoito Palavras Difíceis*  
Luís Rainha

*O Retorno*  
Dulce Maria Cardoso

*Dois Rios*  
Tatiana Salem Levy

*O Verão de 2012*  
Paulo Varela Gomes

*E a Noite Roda*  
Alexandra Lucas Coelho

